

## **Uma Escola para o Esporte: O Colégio Vasco da Gama e seu papel na formação esportiva dos atletas do futebol.**

Carlus Augustus Jourand Correia<sup>1</sup>  
Antonio Jorge Gonçalves Soares<sup>2</sup>

No Clube de Regatas Vasco da Gama, a formação esportiva das categorias de base do futebol, possui como aliada a instituição escolar criada e financiada pelo clube para a escolarização dos atletas das categorias de base pertencentes ao clube. Cabe ressaltar que nem todos os atletas do futebol estudam no colégio, somente aqueles que estão sob a tutela do clube (afastados das famílias) e aqueles que desejam estudar na escola do Vasco da Gama.

O objetivo desse trabalho é evidenciar como a estruturação do colégio e principalmente a formação de uma cultura escolar para o esporte auxiliam a escolarização e conciliação do esporte e da escola esses atletas matriculados.

Para compreender a cultura escolar existente no colégio Vasco da Gama, é necessário salientar que toda escola não é ausente de neutralidade. Dessa forma, as escolas configuraram-se, em sua generalidade, enquanto espaços estratégicos para inculcação de uma determinada visão de mundo. Por exemplo, na escola não é proporcionado o aprendizado da relação do sujeito com a língua, mas o aprendizado de *um* modo específico de relação do sujeito com a língua (MORENO; FERNANDES; ROMÃO, 2011).

A partir disso, devemos saber a forma como se ensina, bem como o direcionamento pedagógico<sup>3</sup>, que são elementos que criam a especificidade de cada instituição de ensino, embora saibamos que as escolas e seus dispositivos guardam muita semelhança entre eles<sup>4</sup>. Além da questão pedagógica, pode-se perceber elementos da cultura escolar na arquitetura (prédios especificamente construídos para abrigar escolas, por exemplo), no mobiliário escolar (carteiras, lousa, giz, materiais didáticos, por exemplo), nos livros escolares (surgimento dos livros didáticos e de editoras especializadas na criação destes) e também na relação dessas instituições com a comunidade que a cerca.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

<sup>2</sup> Doutor em Educação Física pela Universidade Gama Filho (UGF) e professor associado 1 pela UFRJ.

<sup>3</sup> Entende-se por questões pedagógicas nessa análise não somente como correntes de pensamentos ligadas ao modo de ensinar (diretiva, libertária etc) são implementadas nas escolas. Procura-se, na verdade, alargar essa concepção para os comportamentos socialmente esperados e incentivados dentro do espaço dessa instituição.

<sup>4</sup> Essa concepção é reforçada pela diretrizes e bases (LDB) de 1996 em seus artigos 14 e 15, entendendo que cada unidade escolar de ensino é específica em seu funcionamento, corpo de alunos, seu currículo, sua cultura escolar, dentre outros aspectos.

Diante disso, esse trabalho parte da noção de cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar, bem como comportamentos que devem ser incorporados, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos (JULIA, 2001). Essas normas, comportamentos e conhecimentos longe de serem monolíticos e postos no vazio social, são na verdade influenciados por contextos próprios de cada momento histórico, tais como conjunturas econômicas, políticas, sociais, geográficas e ideológicas. Dessa forma, a cultura escolar é construída também através da relação da escola com a sociedade que a rodeia. Com isso, mais do que uma janela para a sociedade, ou um processo mecânico de reprodução da desigualdade social, a escola é um processo dialético.

Cabe ressaltar também que a cultura escolar dentro desses espaços não deve ser pensada apenas como o processo formal de escolarização realizado dentro das salas de aulas ou laboratórios. Essas culturas também se desenvolvem nos corredores dos colégios, nos pátios da hora dos recreios e muitas vezes longe das culturas familiares evidenciando que dentro das instituições escolares todos os espaços são importantes para a constituição da cultura escolar (FORQUIN, 1992).

A partir dessa concepção globalizante sobre o conceito de cultura escolar é necessário salientar há multiplicidade de culturas escolares existentes. Como evidencia Viñao Frago (1995) a cultura escolar, varia de acordo com a instituição investigada e do tempo histórico em que ela é investigada. Nesse sentido, torna-se mais rica a aceção de culturas escolares, pois a ampliação horizontal do conceito acrescenta uma ampliação vertical e qualitativa na compreensão dele. Haveria, assim, tantas culturas escolares, quanto instituições de ensino, possuindo cada uma suas especificidades e ritmos próprios de surgimento e consolidação.

Para identificar e compreender essas múltiplas culturas escolares precisamos abarcar as mais diversas dimensões do cotidiano da escola e se debruçar sobre a sociedade na qual ela está inserida. Isso porque, a cultura escolar recobre as diferentes manifestações das práticas instauradas no interior das escolas, transitando de alunos a professores, de normas a teorias. Sendo assim, engloba tudo o que acontece no interior da escola e muitas vezes não é visto. Diante disso, culturas escolares são todos os acontecimentos e processos que ocorrem no interior da escola, mas que também sofrem influência das questões externas na qual ela está inserida. Sendo que dentro da escola para o autor os tempos e os espaços escolares se constituem como questões estruturantes da cultura escolar.

Com relação a esses dois elementos, nem os espaços, nem os tempos escolares são dimensões neutras da educação. Ao contrário, pois sua constituição e desenho influenciam diretamente os sujeitos escolares (alunos, professores e funcionários em geral), estabelecendo por meio de sua organização um determinado modo de desenvolvimento de habilidades e comportamentos, bem

como disseminando e consolidando símbolos estéticos, culturais e ideológicos que auxiliam no reforço dessas culturas escolares.

Ancorado nessas percepções e ressalvas teórico-metodológicas, podemos perceber entre o colégio Vasco da Gama e o clube uma relação muito próxima em que o pertencimento com a agremiação interage diretamente com a instituição escolar. Diante disso, tudo dentro do clube (o colégio não foge à regra) busca representar uma comunidade de sentimentos ligados ao que genericamente se denomina “ser vascaíno”. Especificamente, dentro do colégio, essas representações de ligação com uma identidade clubística perpassam pelas imagens dos escudos do Vasco situadas por toda a instituição. Em todas as salas, existem escudos do Vasco colocados em cima das lousas. Além das salas de aula, encontramos o escudo do clube nos telefones, nos murais, nas águas distribuídas para os alunos no recreio, nos uniformes dos atletas e no próprio símbolo de identificação do colégio.

O uniforme cabe destaque especial, pois nele podemos identificar dois elementos que estão na base da caracterização do colégio; à saber, o escudo do clube e o modelo do uniforme. O escudo do clube inserido no brasão do colégio está no centro do uniforme escolar (em posição de destaque) reforçando a concepção de que o colégio é parte indissociável do clube, ou seja, tudo que permeia o clube influencia no colégio, inclusive a cultura esportiva da agremiação. Além disso, outra questão interessante são as características do uniforme que se assemelham muito com trajes de prática de esportes.

A camisa é de microfibra (também usadas pelos jogadores de futebol profissional) sendo leve e ventilada, podendo ser acompanhada de um jogging ou bermuda (todas com símbolo do Vasco) e tênis para completar o uniforme escolar. O uso da calça jeans é permitido, porém, em mais de um ano de pesquisa na instituição, poucos foram os alunos que vi com calças jeans. O uniforme é um dos elementos constituintes da identidade de qualquer instituição de ensino e, normalmente, ele representa a imagem, a identidade construída para aquela instituição. Nesse caso, um uniforme construído por características eminentemente esportivas nos remete ao fato que o colégio possui em sua identidade e cotidiano uma vocação para o esporte, reafirmada no seu brasão e no estilo do uniforme.

Esse é um dos elementos que nos permite pensar que essa instituição possui uma cultura esportiva, isto é, um direcionamento que confere à prática esportiva grande importância. Não podemos esquecer que a escola do Vasco da Gama é uma instituição que acolhe exclusivamente atletas de alto rendimento, e, por isso, essa prática ganha tamanha importância no interior do colégio. Sendo assim, diversos são os mecanismos idealizados pelo colégio para estimular uma

conciliação entre a ambição esportiva dos atletas e a possibilidade de inserção dos mesmos no mercado de trabalho caso o projeto esportivo não dê certo.

Sobre a construção da identificação entre escola-clubes e a cultura esportiva, o colégio Vasco da Gama busca desenvolver normas e práticas que dentro do colégio criem uma relação de socialização do aluno com o clube na qual ele serve enquanto atleta. Juntamente com isso, essas normas e práticas também evidenciam a existência de um currículo explicitamente voltado para o esporte. Transitam no clube e na escola muitos ex-atletas que realizam palestras mensais dentro do horário letivo<sup>5</sup> para os alunos, explicitando os desafios da carreira de esportista e, mais especificamente, a relação que eles tiveram com o clube e a relação que eles esperam que esses jovens também desenvolvam. As palestras não fazem parte de nenhuma disciplina e nem do rol de conhecimentos disciplinares, mas devido à sua periodicidade e aproveitamento dentro do colégio, elas fazem parte do currículo tal como a festa junina faz parte do currículo de muitas escolas.

Essas palestras possuem regularidade mensal (geralmente na última terça ou quinta de cada mês), e procuram pontuar questões sobre o cuidado com o corpo, a superação de limites, o respeito pela competitividade e pelo adversário e o que o clube do Vasco representa para o esporte nacional. Nessas reuniões<sup>6</sup>, a que mais me chamou a atenção foi realizada por Gaúcho (ex-atleta e técnico das divisões de base do futebol) em 13 de junho de 2012, cujo assunto era voltado para o respeito à instituição do Vasco da Gama.<sup>7</sup>

Os pontos centrais para esse evento, que durou cerca de 1 hora, estavam no ataque aos excessos fora do âmbito esportivo, ou seja, saídas à noite, envolvimento com drogas lícitas e ilícitas ou até mesmo casos de brigas e polícia. Além disso, era feita a defesa da competitividade e dos exemplos de sucesso daqueles que souberam se afastar das más companhias e se mantiveram focados no esporte e no estudo.

Durante minha permanência na escola presenciei pelo menos 10 reuniões desse tipo, com indivíduos variados (ex-atletas com ligação com o clube, ex-atletas sem sucesso, atletas em atividade, atletas que superaram dificuldades e até mesmo pessoas do ramo das palestras motivacionais e de educação financeira), mas todas elas girando em torno desse tema da formação esportiva desejada socialmente pelo clube. Esses eventos promovidos pelo colégio mostram a regularidade curricular e a intenção de criar nos atletas atitudes, comportamentos e valores

---

<sup>5</sup> Por serem realizadas no horário letivo elas são de presença obrigatória para os alunos que estão no colégio naquele dia da palestra.

<sup>6</sup> Essas reuniões geralmente ocorriam no pátio/estacionamento que existe na frente da escola por ser o local no colégio com maior capacidade de receber os alunos. Cabe destacar que essas reuniões se estendiam para todas as modalidades.

<sup>7</sup> Podemos afirmar que essas palestras são partes integrantes do currículo, mesmo que não façam parte da grade de horário e das disciplinas. Além disso, de posse dos vários dados coletados, podemos afirmar que a estruturação das práticas e do currículo do colégio buscam construir um *ethos* esportivo.

correlacionados aos elementos socialmente esperados pelos círculos esportivos. Tais reuniões reforçam a noção da tentativa de construção de uma cultura esportiva e o reconhecimento de que aquela escola é, antes de tudo, um espaço para atletas.

Nesse ponto, é necessário compreender também que a escola do Vasco da Gama é completamente diferente das outras escolas ditas convencionais do Rio de Janeiro. Por atender somente atletas (futebol, basquete, atletismo, remo, vôlei, futsal, rúgbi, natação, ginástica rítmica e jiu-jitsu) toda a sua estrutura de funcionamento busca estabelecer um processo de conciliação do tempo da escola com o tempo do esporte da forma menos traumática possível. A estruturação do colégio busca atender às especificidades e aos anseios desses atletas. Isso faz com que os tempos escolares e os espaços escolares sejam bem diferentes da maioria das outras escolas, pois possuem uma maior flexibilização sobre o espaço das aulas e o tempo delas dentro da instituição.

Podemos dizer que o currículo do colégio está direcionado para o esporte, e até mesmo os horários de entrada e saída do colégio se balizam pela preocupação com o elemento esportivo. No que tange aos horários dos alunos, para aqueles que estudam no turno da manhã o colégio inicia suas atividades sempre às oito da manhã e termina ao meio-dia e meia sob a alegação dos nutricionistas e fisiologistas do clube de que esse horário é o melhor para iniciarem suas atividades (8:00h), já que muitos não moram perto e precisariam acordar muito cedo para chegarem ao colégio. Alegando que o horário de despertar interfere diretamente na qualidade das atividades realizadas ao longo do dia, especialmente o treino, os especialistas médicos do clube aconselharam a escola a iniciar suas atividades escolares um pouco mais tarde para não prejudicar o dia de tarefas dos atletas.

Interessante perceber no regimento do colégio (atualizado em 2013) a preocupação com o elemento esportivo através do respaldo científico de especialistas em nutrição e fisiologia do clube. Nesse aspecto, o próprio funcionamento do colégio gira em torno de uma adaptação às questões esportivas e ao comportamento do corpo frente à necessidade de desenvolver atividades físicas e mentais durante todo o dia. Além disso, a preocupação com as distâncias enfrentadas pelos alunos-atletas também é explícita no documento e mostra que a instituição de ensino conhece e compreende as dificuldades dos atletas com relação às distâncias percorridas e o problema dos deslocamentos.<sup>8</sup>

No turno da tarde, as atividades do colégio se iniciam às 13h40 e terminam às 18h10. Esse horário mais tarde de entrada é porque muitos atletas vêm do treino e ainda precisam almoçar no clube para, então, entrarem para o colégio. Percebe-se que tanto no turno da manhã como no turno

---

<sup>8</sup> Dados coletados por meio de survey com os atletas mostram que 44,5% deles moram a mais de 10km do clube. Dentre a porcentagem dos 55,5% que moram a menos de 10 km do clube, 62,4% são atletas do futebol que moram nas dependências do clube. Dessa forma, podemos compreender que muitos atletas do clube moram à distancias superior de 10km do clube.

da tarde os horários do colégio são orientados por questões esportivas<sup>9</sup>, seja ela por teorias médicas de desempenho ou pela necessidade de se deslocar do treino para a escola.

Além dos horários de entrada e saída dos alunos, que mostram relação com as questões esportivas e a preocupação com os deslocamentos, o funcionamento do colégio também está intimamente relacionado com a vida esportiva do clube. Sendo assim, em dias de jogos de futebol em São Januário, o colégio funciona em um regime especial, com aulas normais no turno da manhã, mas com horário reduzido até às 16:00 no turno da tarde. A justificativa dada pelo colégio é que, em dias de jogos, o funcionamento convencional do clube é alterado e, dessa maneira, o trânsito de alunos e professores no colégio pode interferir na organização do evento vindouro.

Ao longo dos anos de 2012 e 2013, ocorreram em dias de semana (quartas ou quintas) respectivamente 10 e 9 jogos em São Januário; dessa forma, durante esses dias os alunos do turno da tarde foram dispensados mais cedo. Esse quantitativo de perda de aula é irrisório para o calendário de aulas do clube, que possui 208 dias letivos em sua pauta. No entanto, é interessante mostrar e reforçar com essa informação como a rotina do colégio sofre interferência direta do clube.

Dentro da escola, os espaços usados pelos alunos são praticamente os mesmos dos colégios ditos tradicionais com suas salas de aula com cadeiras enfileiradas, bibliotecas onde se prega o silêncio e o laboratório de informática. No entanto, a diferença reside nas apropriações que os alunos e professores desempenham sobre esses espaços estruturados fisicamente ao longo de suas aulas. Muitas aulas que assisti de biologia, física, geografia entre outras, buscavam subverter a lógica da imobilidade e da disciplinarização dos corpos na sala de aula e nos bancos escolares. Isso era realizado pelos professores como uma estratégia de ensino como explicita uma das professoras:

“Aqui no colégio nós sabemos que o aluno não gosta de ficar parado. Se aluno convencional já não consegue ficar 30 minutos sentado numa cadeira imagina o garoto que é atleta, que trabalha com o corpo e tem essa coisa de fazer na prática. Aí nós professores buscamos nas aulas quebrar essa imobilidade e colocar os garotos para fazer o que mais gostam: se mexer e exercitar”<sup>10</sup>.

A fala dessa professora (que também é uma ex-atleta de vôlei) evidencia a tentativa de muitos professores em adequar as suas aulas à essa natureza incorporada pelos alunos do privilégio

---

<sup>9</sup> Apesar do horário de funcionamento do colégio ser de 8:00 às 12:30 na parte da manhã e de 13:40 às 18:10 no turno da tarde, esse tempo se refere a permanência do ensino médio na escola. O ensino fundamental entra às 8:00 e sai às 11:40 na parte da manhã e entra às 13:40 saindo às 17:20 no turno da tarde. Para o ensino fundamental são um total de 3:40 horas de aula por dia (3:20 de aula+20 min de intervalo) distribuídos por 4 tempos diários de aula. No ensino médio são 4:30 horas de aula por dia (4:10 de aula+20min de intervalo) distribuídos por 5 tempos diários e um dia com 6 tempos. (cada tempo possui 50 minutos)

<sup>10</sup> Entrevista com Lídia, professorado colégio Vasco da Gama, em 13/11/2012.

da prática sobre o teórico e do estímulo ao exercício e ao movimento constante. Sob esse aspecto, o estudo do corpo humano se desenvolvia através da análise do esforço de um atleta do futebol num jogo, ou de um remador numa competição. O estudo da História do Brasil perpassava sobre a compreensão dos primeiros esportes existentes no país. As aulas de Matemática e Física usavam em seus conteúdos sobre força, atrito, ângulos e cálculos a prática esportiva e a vida esportiva cotidiana desses atletas. Além dessas aulas, algumas outras disciplinas também nutrem especial tentativa de descolamento do espaço tradicional da sala de aula.

A cultura esportiva do colégio também está implícita nos valores ligados à competição e ao desempenho, muito presentes nos esportes, e também dentro do colégio. Mesmo aqueles que objetivam seguir carreiras fora do esporte, são cobrados constantemente pelo seu desempenho dentro do colégio pelos professores. Os alunos com notas baixas, mesmo que não sejam retirados das equipes em que treinam, são muitas vezes vistos pelos seus companheiros como incapazes de maximizar seus ganhos esportivos por causa das suas deficiências nas salas de aula.

Outro elemento que desnuda uma cultura escolar dentro do colégio é a circulação de uma teia de linguagens e códigos utilizados em sala por professores, alunos e coordenadores e que nos remete ao esporte. Esses códigos linguísticos se encontram presentes no dia-a-dia do colégio através dos recados dados pelos responsáveis pelo colégio ou no material utilizado pelos alunos em sala de aula.

Com relação aos recados dados, tem-se uma campanha contra o bullying intitulada: “Seja *fair play* e diga não ao bullying”. Sabemos bem que o termo *fairplay* é largamente difundido e utilizado pelos esportistas e significa no mundo dos esportes (aceitação voluntária do contrato de jogo), jogar limpo, de forma cordial e justa. Dessa forma, percebemos que o colégio em seu dia-a-dia incorporou uma linguagem do mundo esportivo e o utiliza normalmente como forma de comunicação e inteligibilidade com os atores sociais de dentro do espaço escolar.

Essa utilização de linguagens e códigos mais próximas da realidade do aluno no colégio Vasco da Gama é facilitada porque a maioria dos professores da instituição são ou pelo menos já foram atletas federados em algum momento da sua vida. Mesmo muitos não tendo se profissionalizado, o simples fato de terem a experiência como atletas permitem a eles conjugarem dessa linguagem dos alunos-atletas e, conseqüentemente, buscarem a melhor maneira de integrar o interesse pelos esportes dentro das aulas e dos conteúdos.

Diante de todos esses aspectos referentes à vestimenta, ao corpo de professores, currículo oculto, aos horários escolares, aos espaços escolares e suas apropriações, a linguagem, os ritos e as liturgias dentro da escola do Vasco da Gama, podemos verificar que o colégio busca de várias

formas transformar o ambiente escolar num local mais relacionado ao cotidiano esportivo do jovem.

Reforçando essa constituição da cultura escolar esportiva temos a implementação dentro do colégio de mecanismos de flexibilização das rotinas escolares para que esses alunos-atletas possam prosseguir nos estudos e nos esportes sem sacrificar drasticamente nenhum dos dois âmbitos de formação. A preocupação do Vasco em flexibilizar essas rotinas escolares está ancorada numa vasta literatura que reconhece as dificuldades e dilemas da formação esportiva de base no Brasil, especialmente no futebol.

Os estudos realizados por Melo (2010), McIntosh e McGillivray (2006), Souza *et al* (2007) e Rocha (2011) evidenciam que uma das grandes dificuldades da formação esportiva de base no Brasil e em muitos outros países do mundo é a conciliação dos compromissos esportivos e escolares. Muitas vezes, as principais competições e o momento dos treinos mais pesados coincidem com períodos de prova e avaliações escolares em geral, sendo em alguns casos necessário se ausentar da escola por longos períodos.

Os alunos da escola do Vasco da Gama, sendo esportistas, não fogem a essa situação. Contudo, nesse caso, o colégio foi pensado para eles e, conseqüentemente, existem meios de flexibilização das rotinas escolares com vistas à suavizar os impactos das competições e viagens realizadas. Para isso, o colégio possui um calendário de provas fixo e volátil dentro do cronograma de atividades da instituição.

Esse calendário é a base, o guia geral das datas importantes do colégio. Contudo, na medida em que eventos esportivos inesperados aparecem, datas especiais vão sendo criadas para disponibilizar aos alunos-atletas a possibilidade de participarem das avaliações, feiras científicas e simulados. Normalmente, o colégio já conhece todas as competições que acontecerão no ano letivo, pois a maioria das modalidades esportivas possui estabilidade de datas e existência. No entanto, em modalidades como o futebol, existem diversas competições não previstas no calendário e convocações para seleções de base para disputas de campeonatos no exterior. Como cita Correia (2014), esse ritmo acelerado em determinadas categorias, como o futebol, leva alguns atletas a faltarem muitas vezes no ano e perderem muitas avaliações. Isso ocorre porque competições de futebol surgem aleatoriamente por imposição da CBF através de seus patrocinadores. Desse modo alguns clubes são selecionados para competições que duram semanas e se localizam em locais como Cingapura, EUA, e América do Sul. Essas afirmações são reforçadas pelos dados abaixo:



TABELA 1: Número de Faltas por mês (março 2013)

<b>Faltas</b>	<b>Número de alunos</b>	<b>Percentual</b>
<b>0</b>	11	12,5%
<b>1</b>	21	23,86%
<b>2</b>	15	17,05%
<b>3</b>	10	11,36%
<b>4</b>	11	12,5%
<b>5</b>	9	10,23%
<b>6</b>	7	7,95%
<b>7</b>	4	4,55%
<b>10</b>	0	0,0%
<b>12</b>	0	0,0%

FONTE: SURVEY REALIZADO NO COLÉGIO

TABELA 2: Já Faltou alguma vez devido a competições? (março de 2013)

<b>Faltou?</b>	<b>Futebol</b>	<b>Percentual</b>
<b>SIM</b>	77 alunos	87,5%
<b>NÃO</b>	11 alunos	12,5%

FONTE: SURVEY REALIZADO NO COLÉGIO

Os dados das tabelas evidenciam o aspecto da frequencial do alunos do colégio Vasco da Gama. Percebemos que somente 12,5% dos atletas não faltaram nenhuma vez e pelo menos 52,27% deles faltaram ao menos 3 vezes no mês, ou seja, quase uma semana inteira sem frequentar as aulas. Somente a título de comparação, vemos que as modalidades que mais faltam (excluindo as que possuem somente 1 atleta) são o futebol com 87,5% dos atletas, depois Basquete e Futsal com 80% seguido de Remo com 76%, 71% do Vôlei e 70% do Atletismo. O que chama a atenção é que, em quase todas as modalidades, (incluindo as que contam com 1 aluno) o número sempre está em pelo menos 70% dos alunos.

Para solucionar esse difundido problema de faltas motivado por competições e treinamentos, o colégio elabora calendários independentes de provas para os alunos em competição. Sendo assim, esses podem realizar as provas num período posterior aos eventos esportivos ou realizar trabalhos na viagem para serem entregues no regresso ao colégio.

Um exemplo disso aconteceu no mês de junho de 2012, quando cerca de 20 alunos do futebol da categoria sub-15 foram disputar um torneio com duração de 1 mês em Jacarta, na Indonésia. A competição seria ao longo de todo o período de provas do 2º bimestre dos alunos e para não prejudicá-los, a instituição escolar criou um calendário alternativo somente para esses atletas no mês de agosto para que eles pudessem voltar e ainda terem tempo de estudar para as

provas.<sup>11</sup> Esse caso reforça os dados obtidos em conversas informais com os funcionários e na coleta de dados abaixo:

TABELA 3: Viaja para competir?

Resposta	Número de alunos do futebol	Percentual
<b>SIM</b>	70	79,54%
<b>NÃO</b>	18	20,46%
<b>TOTAL</b>	88	100%

FONTE: SURVEY REALIZADO NO COLÉGIO

TABELA 4: Professores abonam faltas?

Resposta	Número de alunos	Percentual
<b>SIM</b>	85	96,6%
<b>NÃO</b>	3	3,4%
<b>TOTAL</b>	88	100%

FONTE: SURVEY REALIZADO NO COLÉGIO

A política de remarcação de provas, trabalhos substitutivos e abono das faltas é uma forma de flexibilização das rotinas escolares realizada pelo colégio com vistas a suavizar os problemas inerentes a prática esportiva quando combinada com a rotina escolar. No colégio Vasco da Gama, quando analisamos os atletas de futebol percebemos que a ampla maioria (79,54%), precisa viajar para competir e, com isso, é obrigada a se ausentar da escola por determinado período de tempo. Nesse ponto, o colégio desenvolveu estratégias, citadas anteriormente, para que esses alunos não tenham tanto prejuízo no conteúdo e na presença nas aulas e as provas.

No entanto, colégio não realiza reposições de aulas perdidas e a diretriz seguida por ele é enviar folhas de exercícios para os alunos fazerem e destacar as páginas da apostila a serem lidas; caso o jovem não compreenda, poderá esclarecer a(s) dúvida(s) com o professor em outra oportunidade. A falta de aulas de reposição foi sentida nas respostas dadas pelos alunos nos questionários e corroborada pela fala de uma das coordenadoras do colégio.

TABELA 19: Colégio oferece aulas extras?

Resposta	Número de alunos	Percentual
<b>SIM</b>	22	25%
<b>NÃO</b>	66	75%
<b>TOTAL</b>	88	100%

FONTE: SURVEY REALIZADO NO COLÉGIO

<sup>11</sup> Procurei saber se as provas aplicadas para eles seriam iguais as que tinham sido aplicadas para os alunos que não haviam viajado. A direção e a coordenação falaram que nesse caso as provas são sempre diferentes e eu pude confirmar isso posteriormente através do acesso aos dois modelos de prova.

Após a obtenção desses resultados por meio dos questionários, fui tentar entender porque 25% dos alunos diziam ter aula extra enquanto a maioria dizia o contrário. Em conversa informal com a coordenadora do turno da manhã, ela me disse que muitos alunos consideram a possibilidade de tirar dúvidas do conteúdo com o professor fora do horário normal como uma “aula de reforço”.

A coordenadora argumentou que “até gostaria de oferecer essas aulas”, mas o colégio não possui espaço logístico para realizá-las, pois todas as suas salas estão ocupadas no turno da manhã e da tarde. Podemos supor que, além da falta de espaço (evidentemente real), outras questões como o custo adicional de pagamento de professores, o custo de utilização de outros espaços e a falta de tempo desses atletas para irem ao colégio em outro momento para além do seu horário, podem também ter influência nessa situação. Diante dos argumentos explícitos ou implícitos dessa situação, o fato é que a ausência prolongada dos atletas das salas de aula para as competições aumenta a possibilidade de um aligeiramento da sua formação, pois as aulas dadas não são repostas e o aluno precisa de disciplina e comprometimento para recuperar esse conteúdo.

Esses mecanismos de flexibilização, mesmo que discutíveis em seus resultados são ferramentas importantes, pois a existência deles cria meios para os atletas seguirem sua carreira esportiva e, ainda assim, conseguirem avançar no sistema escolar de ensino; todavia, esse procedimento sugere, em tese, ser semelhante aos mecanismos não explícitos nas redes de ensino como um todo. O abono de falta, a remarcação de provas e os trabalhos criam um espaço social que diminui os conflitos entre o tempo do esporte e o tempo da escola.

Para aqueles alunos que priorizam exclusivamente o esporte, esses métodos permitem a progressão do atleta sem prejuízo nas avaliações e na presença, mesmo que o conteúdo aprendido fique prejudicado pela possível ausência de interesse em recuperá-lo. O aluno investe todas as suas “fichas” no esporte e o colégio entende essa escolha e auxilia-o nessa empreitada, permitindo maneiras de priorizar o esporte e acomodar as normas escolares a esse fim. Ao lado disso, essas medidas também são importantíssimas para alargar o campo de possibilidades daqueles atletas que buscam na escola seu projeto prioritário e permanecem no esporte como forma de alcançar suas credenciais educacionais.

Para esses jovens, a existência de formas de flexibilização permite que, mesmo competindo, eles possam depois recuperar o conteúdo através do acompanhamento dos professores e funcionários do clube. Tanto para aqueles que priorizam a carreira esportiva, quanto para os que nela veem um meio para fins educacionais, as ferramentas postas pelo colégio Vasco da Gama se constituem como um importante instrumento de abertura para conciliação entre esporte e escolarização.

## Referências Bibliográficas

- CORREIA, C. A. J. Entre a profissionalização e a escolarização: projetos e campo de possibilidades em jovens atletas do Colégio Vasco da Gama. Dissertação (Mestrado em Educação)–Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.258 f.
- FORQUIN, J. Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 5, p. 28-49, 1992.
- FRAGO, Viñao A.. Historia de la educación e historia cultural. *Revista Brasileira de Educação*, SP, nº 0, p. 63-82, set./dez., 1995.
- JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 1, p. 9-44, 2001.
- MCGILLIVRAY, D; MCINTOSH, A. Football is my life: Theorizing social practice in the scottish professional football field. *Sport in Society*, Vol. 9, n.3,p. 371-387., 2006
- MELO, L. B. S. *Formação e escolarização de jogadores de futebol do Estado do Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado em Educação Física)–Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.
- MORENO. A; FERNANDES, G. A.;ROMÃO, A. L. F, “Uma Bella e Distincta Festa Esportiva”: A Constituição de um ethos esportivo na Escola Normal Modelo da Capital (Belo Horizonte, 1914-1922) IN: *Anais do XVII congresso brasileiro de Ciências do Esporte*. 2011.
- ROCHA, H. P. A. *A escola dos Jóqueis: a escolha da carreira do aluno atleta*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação)–Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- SOUZA, C.A.M. et al. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. *Horizontes Antropológicos*, vol 12, n 30, p.85-111. 2008.